TERRA DA PROMISSÃO

«[…]
América, América!
Porque teimas em gastar à toa
O tesouro escondido
Nos limos da cisterna
Dos meus sonhos?
Porque me queres denso cão de guarda
Se sabes que nasci
Para o voo
Translúcido
Das gaivotas?
Porque não me abres a janela
De par em par
Para eu te dar
Um beijo louco na boca?»

José Luís Neves Pereira da Silva,
O Cântico do Silêncio

«O medo do criminoso é idêntico ao medo do artista:
ambos têm pavor de se expor perante o público.
É próprio da sua natureza.»

Richard Lindner

PRÓLOGO

Enfiado no *Buick* azul-marinho dos patrões, com o rabo a escorregar no couro carcomido do banco de trás, Salvador Silver padecia de apoquentação. Acariciar as próprias mãos permitia-lhe ponderar o que raio estaria ele a fazer ali, no meio do deserto industrial de Norfolk. Afagando as mãos transpiradas, talvez conseguisse perceber para onde a vida o estava a encaminhar. Em que língua é que Deus insculpe o destino nas linhas da nossa pele? Ninguém sabe. E naquele dia era particularmente difícil obter respostas não só por todos terem emborcado uns valentes copos, a acompanhar os *baked beans* que lhes fervilhavam nos intestinos, mas também porque ardia o charuto de Joe Morelli, acomodado mesmo ao lado dele. Não se consegue pensar dentro de uma nuvem profunda, no banco traseiro de um carro, envolto em tão violento cheiro e, ainda por cima, em torpor alcoólico.

— Estás nervoso, açoriano? — Joe retirou o chapéu, rodopiou-o entre as mãos e voltou a ajeitá-lo na cabeça, dando mais uma passa prolongada. — Já te disse que os nervos podem matar uma pessoa…

Não era para se responder. Certas provocações daquele clube de malfeitores destinavam-se a ficar no ar, como o fumo do charuto. Não passavam de lições de filosofia barata. Além das orelhas pontiagudas e do maxilar recuado, Joe Morelli era conhecido por sequestrar virgens, chular prostitutas e roubar automóveis, especializado em apropriar-se de carregamentos de sapatos nos comboios de carga, com a ajuda dos quatro irmãos. Vender artigos de calçado no mercado paralelo era

bastante rentável, embora a motivação secreta de Joe fosse a de poder cobrir os pés com os modelos de melhor lustre; pelos sapatos se via a riqueza e o bom gosto. O seu paternalismo era típico das manias de filho primogénito, como se liderar um grupúsculo de mafiosos não lhe desse autoridade suficiente. Sobretudo para com Salvador Silver, o frágil português de dezoito anos que ainda estava longe de dominar o dicionário do crime organizado. Na verdade, os dicionários, fosse qual fosse a espécie, não eram o seu forte.

Originário da pacata ilha atlântica de São Miguel, Salvador Silver era um arquétipo da caricatura, sempre com o boné *brood* enfiado, a ocultar-lhe o cabelo preto curtinho, cuja pala sombreava o olhar raso e de falsa coragem — quem o conhecia considerava que a bravura não era o seu melhor atributo. E o bigodinho? Longe de uma vulgar penugem debaixo do nariz grego, deveras mais do que um tufo aparado: o bigode era um *copstash*, autêntica obra de arte labial. Via-se ao espelho como um deus desfilando nas avenidas rodislandesas. Só não se percebia como é que um rapaz como ele tinha ido parar aos Estados Unidos dos anos vinte.

Era um tempo revolucionário, como se os quarenta e oito estados americanos tivessem entrado num ringue, em simultâneo, para altercar sobre os dilemas da imigração, arremessar as barreiras do racismo e da sexualidade. Os censos batiam suave, suavemente, à porta de toda a gente, mas espreitava-se devagar pela cortina, porque se morria de pavor que fosse um membro do Ku Klux Klan. Os *roaring twenties* trouxeram gargalhadas à custa de Charlie Chaplin, danças arrojadas e muito *jazz* — para não falar dos casacos de guaxinim. Morria-se cedíssimo, em média, um pouco acima dos cinquenta anos de idade, porém vivia-se intensamente: as mulheres a votar, Babe Ruth a bater bolas para fora dos estádios de basebol, os anarquistas a atear desordem, os escritores a plagiar e os jovens a roubar. Não era só o álcool que ganhara um lugar no pódio da sátira: também a criminalidade. Havia delinquência por todo o lado.

No dito fenómeno passou a incluir-se South Braintree, uma cidadela pacata vinte quilómetros a sul de Boston. Até àquela data, havia sido um lugar gracioso e de bom presságio, berço de dois presidentes,

caminhos asseados de terra batida, postes telegráficos disseminados com generosidade e fama de boa vizinhança. Tinha zonas arborizadas, duas fábricas de calçado, o estábulo, o restaurante, o sapateiro, o depósito de água, uma cova de onde se extraía um minério incógnito, e a pequena estação ferroviária cuja linha cortava o bairro industrial ao meio. Quase tudo era em tons de castanho, alguns edifícios revestidos de madeira envernizada, outros pintados de branco ou na cor de tijolos. Cheirava a lírios e a begónias. A regra das cores monótonas quebrava-se nas copas das árvores, que asilavam o gaio-azul e o pintassilgo-dourado. Ouvia-se-lhes o canto sincronizado com a cordialidade das pessoas e com os bons-dias de quem passasse. Paz e bonança.

Só que o sítio andava na mira de um grupo de desonestos. Pelos piores motivos. Os frequentadores locais tinham estranhado a presença de duas figuras masculinas nas cercanias: um deles de tez escura, com ar de estrangeiro zangado; o outro bastante pálido e de face mais sugada do que um morto-vivo. Eram de baixa estatura e usavam fato e gravata: um de chapéu, outro de boina; um com um sobretudo cinzento, o outro com um casacão castanho. Tinham chegado num grande automóvel azul-marinho, um *Buick* de frisos cromados e cortinas nas janelas. Lá dentro, três ocupantes: o condutor e dois vultos, ambos no banco de trás. Após a hora do almoço, estacionaram na rua principal e puseram-se a revirar o compartimento do motor com uma ferramenta na mão. Como se um carro daqueles avariasse sob alguma circunstância. Na verdade, sabiam o dia reservado ao pagamento de salários da fábrica de calçado Slater & Morrill, o maior empregador das redondezas: 15 de abril de 1920.

Às nove e meia daquela mesma manhã, um funcionário da American Express Company entregou na fábrica de cima uma caixa de metal; tinha sido descarregada do comboio que viera pela New Haven Railroad. A contabilista Margaret Mahoney tratou de preparar os envelopes com os vencimentos, em numerário, dos trabalhadores da fábrica de baixo, que distava cerca de trezentos metros. Precisou da manhã toda para enfiar quase dezasseis mil dólares em quinhentos envelopes, mas ficou contente com a visita semanal do tesoureiro, após a hora do almoço.

— Margaret, tudo bem? Já cheguei para salvar o dia.

— Tudo em ordem, senhor Parmenter. A vida do costume… Os salários estão prontinhos à sua espera.

Mesmo sabendo de assaltos recentes ocorridos na região, o tesoureiro Frederick Parmenter e o seu guarda Alessandro Berardelli, ambos funcionários da Slater & Morrill, colocaram o dinheiro em duas caixas de madeira que, por sua vez, foram fechadas a cadeado dentro de outras duas caixas metálicas.

— Qualquer dia, somos mesmo assaltados, senhor — pressagiava o guarda Berardelli, preparando-se para sair.

Para onde quer que fosse, carregava às costas a própria sombra e um rol de desconfianças. Quase sempre fechado em si mesmo. Os olhos rasgados e tímidos davam-lhe ar de padre, nunca de autoridade, a não ser que fosse indispensável sacar da arma.

— O que diabo queres que faça? — resmungou Parmenter, com o habitual ar de gozo. — Não se consegue pagar a esta gente por telegrama!

Frederick Albert Parmenter era um galhofeiro nos quarenta que se levava demasiado a sério. Exibia o cabelo sempre curto, exceto um redemoinho tempestuoso na frente, e tentava compensar as entradas generosas com um bigode curto comum, mais bem aparado do que um tapete. Era tido em grande consideração pelo pessoal da fábrica: levava-lhes os salários e acompanhava-os com boa-disposição.

Colocou o chapéu de feltro castanho, agarrou numa das caixas e saiu, lado a lado com o italiano Berardelli. Abandonaram a pé a fábrica de cima, o edifício principal da empresa — bruto, quadrado, de quatro andares e janelas pequenas — e dirigiram-se para a fábrica de baixo, o prédio número dois — igualmente bruto, quadrado, de quatro andares e janelas pequenas. Desceram a Railroad Avenue e viraram à esquerda na Pearl Street, dando de caras com o funcionário da passagem de nível.

— Como estás, rapaz? — saudou Parmenter. — Já tens planos para o fim de semana ou vais continuar a ver os comboios a passar?

A resposta do empregado dos caminhos de ferro foi um sorriso e uma passa no cigarro, de dentro da guarita. Passavam por ali tantos trabalhadores diariamente que perdera a paciência de dar troco.

Parmenter e Berardelli atravessaram a passagem de nível e cruzaram-se logo a seguir com Jimmy Bostock, o encarregado de manutenção da Slater & Morrill.

— Bostock, ainda bem que te encontro — interpelou Parmenter. — Na fábrica de cima, há um motor que não funciona bem e…

— Hoje, já não consigo — respondeu o técnico, com uma pressa evidente. — Tenho de apanhar o autocarro das quinze e quinze. Amanhã, amanhã!

Parmenter assentiu e gesticulou um adeus descomprometido. Passaram por outro edifício, ao lado de um poste dos telefones, e precisamente às três da tarde depararam-se com os tais dois desconhecidos. Estavam encostados a uma cerca. Parados. Tinham chapéu, gravata e sobretudo. E armas.

Ninguém poderia adivinhar, mas a tragédia que estava prestes a deflagrar naquele palco daria início a uma sucessão de eventos que mudaria para sempre os Estados Unidos da América.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Prezado escritor, deste seu servo germina a honrosa missão de devolver justiça a um dilúvio de almas pelas ruindades sofridas num tempo ido. Este manuscrito, que espero aconchegar-se, incólume, nas suas mãos, tenciona elevar os inocentes que perderam a voz naquele tempo, muitos ao preço da própria vida. Mas não só: trata-se de uma história espantosa, tão espantosa que dará matéria para reflexão sobre a humanidade e as suas imperfeições.

Tudo começou nos anos da mudança, quando a América andava mais acelerada do que um comboio a vapor. Era preciso varrer a Grande Guerra para debaixo do tapete, velar os mortos, cuidar dos retornados traumatizados pelas balas perdidas e arrancar-lhes de dentro dos narizes o perfume da pólvora. Ambicionava-se um estilo de vida que incluísse, pelo menos, serões inteiros a ouvir a telefonia, longas tagarelices em conversas fúteis ao telefone e passeios de «aresmobil» que queimassem gasolina, muita gasolina. Claro que uma avalancha de carros novos a desabrolhar pela linha de montagem de Henry Ford obrigava a estradas melhores — coisa que nem sempre havia —, mas ao menos era permitido reclamar, por tudo ou por quase nada, sem medo de represálias. A maledicência tornara-se a nova Independência. Só não se podia protestar contra a escassez de álcool, isso nunca.

A *Eighteenth Amendment* trouxe a era da proibição, sacralizando as bebidas destiladas. Não se podiam fabricar, comercializar nem transportar, muito menos importá-las e exportá-las, só que toda a gente as

consumia. Bebia-se em lugares recônditos, traficava-se em transportes dissimulados, bengalas falsas e casacos com bolsos costurados no interior, e recheavam-se os cofres de Al Capone e de outros *gangsters* daqui e dali, nos quais se podia incluir uma maré de açorianos e os seus requintados alambiques em caves — tantos e tão espertos que os americanos nem os farejavam. As aguardentes portuguesas geradas naquelas engenhocas, menos famosas do que ilegais, sabiam melhor do que a maioria das zurrapas vendidas pelos mafiosos. Contudo, o verdadeiro efeito da *Prohibition* tinha sido algo inesperado: provocara o aumento do consumo de álcool — a autêntica ironia.

Prezado escritor, a história que nos interessa é a do jovem Salvador Silver. Quando se ouviram os tiros, ele sentiu o coração a inchar. Olhou para a nuca loira do polaco, no banco da frente, e imaginou-se a gritar: «Prego a fundo, Steve Benkoski.» Queria muito avisá-lo de que estava na hora. Não conseguiu falar — como se a língua estivesse agrafada ao céu da boca —, mas não foi preciso, porque o pedal do acelerador já estava encostado ao fundo da chaparia e os grandes pneus guinchavam como feras.

A viatura seguiu pela Pearl Street até avistarem o depósito de água sobranceiro, no lado direito. No flanco esquerdo da estrada estavam os outros elementos do gangue, de chapéu, gravata e sobretudo. Dois corpos estendidos no chão — Berardelli e Parmenter —, poças de sangue a alastrar e cápsulas de bala dispersas. Salvador arregalou os olhos, com o espírito em alvoroço, e ponderou enfiar-se num buraco qualquer. Havia ali gente morta. Cadáveres! E não era apenas o sangue derramado ou a ideia de se roubar a vida a alguém; amontoavam-se as testemunhas, umas a circular no passeio, outras debruçadas nas janelas da Rice & Hutchins, trabalhadores na escavação defronte e mais pessoas no edifício principal da fábrica.

Prezado escritor, muitas testemunhas assistiram a tudo, todavia não as consideramos fundamentais para este enredo. A não ser que ambicione reconstruir o caso Sacco-Vanzetti. Digo-lhe que não valerá a pena, porque já foi muito badalado, tendo até sido esmiuçado na imprensa internacional, como bem saberá. O âmago da nossa história está nas astúcias de Salvador Silver.

Os assaltantes arremessaram as caixas de metal para os assentos do *Buick* em movimento. Atiraram-se também lá para dentro, sem cerimónia, ao mesmo tempo que as rodas ganhavam velocidade na terra batida. Eram Antonio Mancino e Frank «Butsey» Morelli — este último, o irmão mais novo de Joe Morelli, que parecia ter deixado cair a boina algures, gargalhou como um louco, sacou do revólver e erraticamente esgotou as balas pela janela do seu lado.

Ali perto, um vendedor ambulante, que comercializava pasta para afiar lâminas de barbear, viu uma bala a atravessar-lhe a aba do casaco e quedou-se, suspenso pelo medo, de olhos arregalados e um pingo a descer-lhe a testa. Para quem estava dentro do habitáculo do automóvel em fuga, o episódio mais parecia uma sinfonia de trovões e tambores ensurdecedores, tal era o estampido dos disparos e os seus ecos naquela caverna de metal. Mas a algazarra interrompeu-se com a travagem a fundo de Benkoski. A passagem de nível estava a fechar-se devido à aproximação de um comboio. Era como se uma montanha de gelo se tivesse apoderado deles.

Foi ali que o jovem micaelense desabrochou. Era a sua deixa. Inchou o peito de uma só vez e debruçou-se na janela do carro, de arma trémula, um *Colt* de calibre .38 semiautomático.

— Levanta a cancela ou… ou abro-te um… um buraco — ameaçou, com a voz a combalir. — Mexe-te, caramba!

Sob o escrutínio dos experientes patrões, Salvador mais parecia um potro recém-nascido a tentar impressionar com as primeiras passadas. Joe fez um sorriso diagonal. O certo é que o funcionário dos caminhos de ferro abriu logo a barreira branca às riscas vermelhas; a viatura dos fugitivos atravessou os carris, levantando poeira rente à locomotiva, as cortinas a bater por dentro do vidro como um relógio impaciente. Passaram ainda pelo sapateiro, pelo estábulo e pelo clube de bilhar, onde especava mais uma testemunha à porta. Quase atropelaram Jimmy Bostock, que teve de se desviar da frente do automóvel.

— Os pregos, os pregos! — gritou Frank Morelli.

Salvador apressou-se a espalhar um saco de estrepes na estrada; eram pregos entrelaçados em cruz, para furar os pneus de eventuais perseguidores. Porém, enquanto as pequenas armadilhas rebolavam na

nuvem levantada pelo *Buick*, o açoriano desequilibrou-se. Uma tontura repentina fê-lo vacilar. Dobrado e com a cabeça pendida, vendo o chão a desfilar abaixo de si, babou-se e perdeu o controlo dos músculos.

Não era um ataque mais forte do que os antigos. Em criança, ficava paralisado ou em convulsões que o derrubavam ao chão, e esperneava que nem um possuído. Mas a adolescência foi aligeirando os sintomas e as crises tornaram-se mais espaçadas. Seguiam-se fases depressivas, meses e meses de confusão melancólica. Talvez fosse a saúde debilitada a incentivá-lo a arriscar, a colocar a vida num fio; talvez fosse a sorte de estar vivo o que o incitava a roubar, a não ter medo de morrer. Para ele, não valia a pena ficar à espera, como fazem quase todos. Esperar é para os mortos.

— Não caias, açoriano! — contrariou Joe Morelli, puxando-o pelas calças. — Qualquer dia, morres de verdade…

Na cabeça do jovem, era só uma questão de tempo até que se concretizasse a profecia de nascença. Imaginava-se a sair da mãe, ainda ensopado em líquidos pegajosos, e já decorria o julgamento. «Tem alguma coisa a dizer em sua defesa, recém-criminoso?», intervinha o juiz com o malhete levantado. A sina em que Salvador acreditava era a de um ataque mais forte, à espera ao virar da esquina para o ceifar sem piedade.

De uma família de nove irmãos e irmãs, duas delas já tinham fenecido na ilha: uma de febre e outra afogada. Afogada! Imagine-se. Aos dezoito anos, andava a apanhar lapas e foi arrastada pelo mar. Perder a vida na água é a pior contradição para quem mora no meio do oceano, mas a realidade é que nem todos os ilhandeses sabem nadar. Pelo menos aprender a flutuar havia de ser obrigatório. Ensinava-se a nadar amarrando-se uma corda ao peito do nadador para que assim fosse controlado com um pau, a partir de uma pequena doca ou à beira de um tanque; o último recurso era atirar o aprendiz ao mar: ele que se desenvencilhasse. E como se não bastassem tais mortes, outro irmão de Salvador morreu mais tarde, já na América, de tuberculose. E o pai? Outra desfeita. Tivera o desplante de o desamparar.

Foi nesse impiedoso mundo que o *Buick* continuou a conquistar a estrada para sul, rasante como um milhafre, imparável como um cavalo

de corrida. Abrandou na passagem por Brockton, atraiu o olhar dos transeuntes, levantou curiosidade nos passeios da Main Street e junto ao City Hall. Ninguém adivinharia que o veículo transportava criminosos recém-fugidos ou assassinos com vestígios de pólvora nas mangas, mas era como se toda a gente desconfiasse das faces rijas e pouco amistosas dos *gangsters*, como se os traços genealógicos substituíssem um letreiro na testa a dizer «somos os Morelli». Silver continuava a encolher-se no banco de trás, como se pudesse escapar ao destino, cortar as tintas. Como se a profecia pudesse desaparecer de alguma maneira.

Evitaram paragens e retomaram a estrada principal logo que possível. Percorreram outros vinte e sete quilómetros, entre baforadas de charuto e piadas de mau gosto. A anedota que deu origem à maior gargalhada foi a de que «os *gangsters* até são boas pessoas: andam em grupo e perguntam-te se tens algum problema». Só abrandaram noutra passagem de nível, em Matfield, guinando para oeste, em direção à linha de comboio apontada a Rhode Island, onde mais tarde acederam a uma estrada quase impercetível que os levou até um denso bosque. Calaram-se todos.

Salvador nem conseguia abrir a boca, de tão cerrada que tinha a mandíbula. Não se apercebia de nada, estava noutra dimensão. Ouvia-se Frank a contar dinheiro no banco da frente, os estalidos dos ramos caídos sob a borracha dos pneus, alguns pássaros a piar por entre as árvores e o motor do carro a precisar de arrefecer, a julgar pelo cheirete a óleo queimado. Ao ver que se aproximavam de um outro automóvel, o *Hudson* que eles próprios ali tinham estacionado de manhã, Steve Benkoski desligou o *Buick*. O silêncio tornou-se insuportável para Salvador.